



# TESTANDO EXPRESSÕES COM CONTEÚDOS MISTOS

---

**LUISANDRO MENDES DE SOUZA\***

---

## RESUMO

O objetivo principal é discutir o estatuto semântico das expressões de modificação gradual encabeçadas pela preposição *pra*, como *pra burro*, *pra cachorro*, *pra caralho*, *pra cacete* etc. a partir de uma visão multidimensional do significado linguístico. Temos sugerido que elas são expressões mistas, no sentido de Gutzmann (2013) e McCreedy (2010), que carregam semanticamente conteúdo veri-condicional e uso condicional. Defendemos que *pra X* denota uma região na escala acima daquela recoberta por *muito*, e que no plano uso-condicional expressa “envolvimento emocional do falante”. Contudo, essa última caracterização ainda é um tanto intuitiva. Nossa meta específica é refletir com mais cuidado sobre os testes para identificação de conteúdos expressivos e avaliar suas possibilidades e limites no caso de expressões mistas.

**Palavras-chave:** semântica, dimensão expressiva, intensificadores, expressivos mistos

## ABSTRACT

The aim is to discuss the semantic status of expressions of degree modification headed by the preposition *pra* (to), as in *pra burro*, *pra cachorro*, *pra caralho*, *pra cacete* (literally: to donkey, to dog, to dick, to stick) etc. We have been suggesting that they are mixed expressions (GUTZMANN, 2013; MCCREEDY, 2010), which carry truth-conditional and use-conditional semantic content. We argue that *pra x* denotes a region in the scale above that one covered by *muito* (many/much/very), and that in the expressive dimension expresses “speaker emotional involvement”. However, the last characterization is still rather intuitive. Our second goal is to discuss more carefully about the tests to the identification of expressive content and to evaluate its possibilities and limits in the case of mixed expressives.

**Keywords:** semantics, expressive dimension, degree modifiers, mixed expressives

---

\* Universidade Federal do Paraná, UFPR. Programa de Pós-graduação em Letras. *E-mail:* luisandro@ufpr.br. Agradecemos ao convite para publicação do texto, bem como aos pareceristas anônimos e a Renato Miguel Basso pelos comentários, criticismo e pela leitura atenta.

## 1 AS VÁRIAS DIMENSÕES DO SIGNIFICADO

O projeto fregueano de investigação do significado se concentrou, desde o berço, no significado veri-condicional. Contudo, fenômenos como o das pressuposições sempre estiveram ali no canto, ilustrando aspectos do significado que escapam a um tratamento tão estrito. A pressuposição não estava sozinha. O próprio G. Frege, no texto *Lógica* (1897 citado por GUTZMANN, 2013), comentava aspectos do significado que não contribuíam para as condições de verdade da sentença. Para ilustrar, assumamos que a diferença entre (1a) e (1b) é apenas de registro, isto é, as duas sentenças são sinônimas (verdadeiras na mesma situação), mas (1b) expressa também que o falante tem pouco apreço pelo cachorro do vizinho.

- (1) a. O cachorro do vizinho latiu a noite inteira.  
b. O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira.

Veja que há algo interessante no caso de expressões como *vira-lata*. O termo designa referencialmente o mesmo conjunto de indivíduos que *cachorro*<sup>1</sup>, mas também traz um componente de avaliação subjetiva que não é uma inferência pragmática. Isso quer dizer que há um componente de significado em *vira-lata* que não é pragmático, justamente por não ser cancelável:

- (2) #O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira, mas ele é um belo cão de raça.

Similarmente, P. H. Grice, no clássico *Lógica e conversação* (1982), distinguia ainda outro fenômeno, que chamou de implicatura convencional. No exemplo, o filósofo chama a atenção para um componente de significado que não contribui para as condições de verdade, embora também seja inseparável do significado lexical da expressão. Em (3), *portanto* estabelece uma relação de consequência entre as duas proposições “ele é um bravo” e “ele é um inglês”. Assumindo que é verdade que o indivíduo referido por *ele* seja de fato inglês e bravo (no sentido de “corajoso”), a proposição em (3) continua verdadeira, mesmo que admitamos que a relação de consequência seja falsa.

- (3) Ele é um inglês, ele é, portanto, um bravo.  
Condições de verdade: ele é um inglês & ele é um bravo.  
Implicatura convencional: Ele ser bravo é consequência de ele ser inglês.

O que fazemos, então, com a intuição de que há um componente de significado não veri-condicional? Ele seria pragmático, portanto, como sugeriu Grice? Esse fenômeno, embora não seja propriamente uma inferência, por ser convencional, foi tratado como pragmático por um bom tempo, provavelmente por ter sido chamado de “implicatura”. O filósofo K. Bach (1999) argumentou decisivamente contra essa análise, mostrando que estamos diante

<sup>1</sup> Pelo menos em tese. Imagine que o vizinho não considere seu cachorro um vira-lata. Então, esses dois termos não recobrem totalmente o mesmo conjunto de indivíduos. Nesse sentido, todos os vira-latas são cachorros, mas nem todo cachorro é um vira-lata.

de um conteúdo semântico, embora não veri-condicional. Veja que estamos diante de um aparente impasse: se esse conteúdo é semântico, mas não contribui com as condições de verdade, o que fazemos com ele? A solução foi admitir que temos outra dimensão de significado. Note que essa solução não é não heterodoxa, já que os pressupostos podem ser considerados conteúdos semânticos, embora não façam parte da proposição.

Esse retrato nos dá três espécies de significados semânticos (deixando de lado disputas sobre o estatuto das pressuposições): conteúdo descritivo (ou veri-condicional), pressuposições e ‘implicaturas convencionais’, que Gutzmann (2013; e em outros lugares) sugere que seja melhor rotulado como ‘uso-condicional’.<sup>2</sup> Mas esse retrato ainda não esgota todas as espécies de significados, já que (1) nos coloca o desafio de entender como o significado expressivo se encaixaria numa abordagem referencial.

Exemplificando, (4) traz pelo menos três camadas de significado<sup>3</sup>:

- (4) O vira-lata do vizinho latiu a noite inteira.  
 Pressuposição: existe um cachorro do vizinho.  
 Condições de verdade: Existe um e apenas um cachorro & ele é do vizinho & ele latiu a noite inteira.  
 Dimensão expressiva: o falante tem uma atitude negativa em relação ao cachorro do vizinho.

O significado expressivo sempre foi reconhecido (cf. GUTZMANN, 2019), mas não tínhamos ainda ferramentas adequadas para lidar com ele. A partir dos anos 1990, elas começam a ser desenvolvidas, especialmente a partir de textos como Kaplan (1999) e Kratzer (1999). Mas a contribuição decisiva vai ser feita por Potts (2005). Embora ele ainda chame o fenômeno de “implicatura convencional”, argumenta que estamos diante de um aspecto do significado que é semântico e suscetível de um tratamento formal.<sup>4</sup> Nos termos de Gutzmann (2015), estamos diante de uma forma de olhar para o significado linguístico que vai ter como escopo as seguintes questões: a) como o conteúdo uso-condicional de uma expressão é determinado composicionalmente?; e b) como expressões uso-condicionais interagem composicionalmente com expressões veri-condicionais?

É a partir dessa perspectiva que queremos discutir o conteúdo expressivo de locuções intensificadoras como *pra cacete*, *pra caralho* e similares. Afinal, por serem formadas por expressões tabus, podemos supor que também envolvem carga expressiva. Antes, porém, de falarmos delas, vamos discutir um pouco mais sobre o lugar dessa faceta do significado dentro do campo da semântica.

<sup>2</sup> A partir de Recanati (2004).

<sup>3</sup> Note que estamos falando apenas do significado que estamos considerando como semântico. Se adicionarmos fatores pragmáticos, como intenções e implicaturas, podemos imaginar ainda uma quarta camada.

<sup>4</sup> Claro, por ser “formalizável” não significa que um dado aspecto do significado seja semântico. O que a abordagem de Potts (2005) nos oferece é um tratamento composicional, num sistema formal, de aspectos não veri-condicionais do significado linguístico.

## 2 A DIMENSÃO EXPRESSIVA

Do panorama desenhado na introdução acima, podemos classificar o conteúdo semântico em pelo menos quatro variedades:

- a) veri-condicional (descritivo ou imediato)
- b) pressuposições
- c) não descritivo e uso-condicional expressivo
- d) mistos
  - i) descritivo e uso condicional
  - ii) descritivo e uso condicional expressivo

Essa caracterização objetiva deixar mais claro qual é o lugar ocupado pelo significado expressivo no bojo dos temas semânticos. Destacamos a divisão do significado não descritivo, já que exemplos como (3) envolvem uma segunda dimensão de significado semântico que não é expressivo. Além disso, essa classe de significados ainda aparece em pelo menos duas variedades. Implicaturas convencionais típicas envolvem expressões que contribuem simultaneamente nas duas dimensões, enquanto os chamados suplementares trazem conteúdos que apenas contribuem na dimensão não descritiva do significado. Ilustremos.

Começamos pela classe (a). Uma sentença como *a neve é branca* traz apenas conteúdo descritivo. Essa sentença é verdadeira se e somente se a neve é branca. No caso de (b), uma sentença com uma pressuposição, como *o rei da França é calvo*, além do conteúdo descritivo (“há um e apenas um rei da França e ele é calvo”), também traz o pressuposto de que existe um rei da França. Por sua vez, exemplo típico de expressão linguística apenas com conteúdo expressivo, classe (c), e sem conteúdo descritivo algum são as interjeições. *Ai!* pode ser analisada como usada com felicidade naquelas situações em que o falante experienciou algum tipo de dor física inesperada. Na perspectiva de uma semântica multidimensional, não faz sentido perguntar como o mundo tem que ser para que esse enunciado seja verdadeiro, mas devemos nos perguntar como a situação deve ser para que a expressão seja usada com felicidade. Logo, *ai!* não tem condições de verdade, mas condições de uso adequado.

Expressões da classe de (di) são as implicaturas convencionais tradicionais, como vislumbradas por Grice, como vimos acima em (3). Por fim, a classe (dii) congrega as expressões que nos interessam. Nessa classe, estamos diante de um elemento que além de trazer conteúdo descritivo também traz conteúdo uso condicional expressivo. Vimos acima que no caso de *vira-lata*, a expressão tem dois tipos de conteúdo, o descritivo (sendo referencialmente idêntico a *cachorro*) e um expressivo, “o falante tem despreço pelo cachorro”.

18

Tudo indica que estamos diante de duas classes diferentes de significados. Bach (1999), como vimos, argumenta convincentemente que não podemos tratar o conteúdo de conjunções como *mas* e *portanto* como pragmático, ao mesmo tempo em que tratá-los como parte do

'dito griceano' (das condições de verdade) também seria inadequado, justamente porque a falsidade da consequência não torna (5) falsa. Se (5') é a análise correta, nossa intuição deveria ser de que a sentença é falsa.

(5) Ele é um inglês, portanto, ele é um bravo.

(5') Ele é inglês & ele é um bravo & ele ser bravo é uma consequência de ele ser inglês.

A sua solução é propor dois níveis de conteúdo semântico. A particularidade do conteúdo uso condicional é que ele não é orientado para o falante, enquanto o conteúdo uso condicional expressivo é. O que une as duas expressões é a sua dependência das condições de uso.

Poderíamos fazer aqui um exercício e imaginar um exemplo em que tivéssemos essas diferentes variedades de significados presentes em uma única sentença. Imagine que estejamos falando de um atacante de um time de futebol que é mais alto que a média. Jogadores dessa posição não costumam ser muito altos, e se passam de 1,80 já tendem a ser desengonçados e só se destacam se são muito habilidosos.

(6) O lazarento do atacante é alto pra caramba, mas é veloz e ágil.

Pressuposto: existência de um atacante (por conta da presença do artigo definido *o*).

Conteúdo descritivo: existe um e apenas um atacante & ele é significativamente alto & ele é veloz & ele é ágil.

Conteúdo descritivo secundário: o falante não esperava que por ser significativamente alto, ele seja veloz e ágil (por conta da conjunção *mas*).

Conteúdo expressivo expletivo: o falante despreza o atacante (por conta de *lazarento*).

Conteúdo expressivo misto: o falante está impressionado com a altura do atacante (por conta de *pra caramba*).

Chamamos a expressão *lazarento* de item expressivo expletivo porque sua retirada de (6) não causa prejuízo para as condições de verdade de (6). Já com *pra caramba*, a intensificação do adjetivo *alto* sumiria se retirássemos o modificador da sentença e ele traz a excitação do falante; por isso, *pra caramba* é misto.

Temos aqui uma questão em relação ao objeto de análise. Como estamos falando de 'contextos de uso' e 'uso feliz', podemos supor estar diante de um fenômeno com tintas pragmáticas. A semântica formal 'ortodoxa' (por assim dizer) nunca se furtou a discutir fenômenos que requerem a menção a elementos contextuais, um componente indispensável na discussão da semântica do tempo verbal (que usa a noção de momento de fala), da indexicalidade (que precisa lançar mão das noções de pessoa e espaço) e de vários outros casos. Ou seja, embora o semanticista usualmente fale em 'sentenças', abstratamente, ao olhar para condições de verdade, muitas vezes, ele não está ignorando a língua em uso. Para Potts (2007), os expressivos são como 'atos de fala', justamente por seu caráter se manifestar na própria enunciação.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Convém lembrar a hipótese de John Austin, de que a distinção entre constativos (sentenças avaliadas

Tentando esclarecer um pouco mais o que estamos entendendo por conteúdo expressivo, essa dimensão é definida por Potts (2007) como um tipo de conteúdo que expressa envolvimento emocional do falante e que não contribui para o conteúdo veri-condicional (com o que Potts também chamou de conteúdo “imediate”, *at-issue*). Fundamentalmente, o conteúdo expressivo pode ser compreendido como uma espécie de conteúdo semântico. É isso que a literatura tem chamado de projeto kaplaniano (cf. GUTZMANN, 2013).

Quase invariavelmente, expressivos do falante indicam que ele está em um estado emocional de excitação. Eles nos dizem que ele está bravo ou exaltado, frustrado ou relaxado, empoderado ou subjugado. Às vezes a emoção é direcionada a um indivíduo específico, como nos honoríficos. Às vezes é direcionada a algum traço específico do estado de coisas. E às vezes é apenas uma emoção geral sem alvo específico. (POTTS, 2007, p. 173, tradução nossa).<sup>6</sup>

O conjunto de construções que interessaram a Potts (2005; 2007) envolvia expressões que contribuíam apenas na dimensão expressiva, como o que chamou de ‘suplementos’<sup>7</sup> (e.g.: orações apositivas e advérbios orientados para o falante, como *felizmente*) e o que chamaremos de ‘expressivos típicos’, como os epítetos e interjeições, e os honoríficos (em línguas como o japonês).

A dimensão expressiva também exhibe uma fauna variada de construções e expressões gramaticais. Segundo a classificação de Gutzmann (2013), temos pelo menos quatro classes:

i) epítetos e adjetivos avaliativos: *desgraçado, lazarento, droga, merda* etc.

- (7) a. O desgraçado do João não me devolveu o livro.  
b. Esqueci a droga da chave.

ii) expletivos: interjeições

- (8) a. Droga! Esqueci a chave.  
b. Ai!

iii) *shunting*: sentenças exclamativas

- (9) Que legal é esse filme!

apenas em termos de condições de verdade) e performativos (sentenças avaliadas em termos de condições de felicidade) fosse difícil de ser mantida.

6 No original: Almost invariably, a speaker’s expressives indicate that she is in a heightened emotional state. They can tell us that she is angry or elated, frustrated or at ease, powerful or subordinated. Sometimes the emotion is directed at a specific individual, as with honorification. Sometimes it is directed at some specific feature of the current state of affairs. And sometimes it is just general, undirected emotion.

7 Termo descritivo que atribui a Huddleston e Pullum (2002).

iv) expressivos mistos: termos racistas e ofensivos/depreciativos

- (10) a. Hitler is a Kraut.  
 b. O João é uma bichona.  
 c. O vizinho adotou um vira-lata.

As expressões dos exemplos (7-8) compartilham a propriedade de não contribuírem para as condições de verdade. A diferença é que epítetos e adjetivos avaliativos operam sobre constituintes oracionais, enquanto as interjeições não. Na classe (iii), o *que* exclamativo leva (*'shunt'*) a proposição “esse filme é legal” para a dimensão expressiva. Em tese, esse tipo de construção não tem conteúdo descritivo. No caso de (iv), temos expressões que contribuem nas duas dimensões: *kraut* denota o conjunto dos alemães, e expressa que o falante despreza o sujeito da sentença e o conjunto do qual ele faz parte; dando um exemplo do vernáculo, *bichona* é um termo ofensivo, que além de predicar do sujeito que ele é homossexual, expressa que o falante despreza essa classe de indivíduos; algo similar vemos com *vira-lata*, que embora designe “cachorro”, ou uma espécie particular de cachorros sem raça definida, também pode ser usado para expressar desprezo.

Após essa breve apresentação sobre o conteúdo expressivo, passemos à discussão dos dados que nos interessam.

### 3. PRA X TEM CONTEÚDO EXPRESSIVO?

Existe uma hipótese segundo a qual as línguas não criam sinônimos indiscriminadamente.<sup>8</sup> Portanto, podemos assumir, justificadamente, que as locuções formadas por *pra x* não são meros sinônimos de  *muito*, ou variantes coloquiais<sup>9</sup>. Isso pode ser demonstrado pelos padrões de acarretamento. (11b) acarreta (11a), mas (11a) não acarreta (11b). Note que podemos fazer uma afirmação com  *muito*, negando o grau alto de *pra caramba*, como em (11c); mas não podemos afirmar o alto grau que *pra caramba* veicula, e negar  *muito*, como em (11d).

- (11) a. Esse filme é muito legal.  
 b. Esse filme é legal pra caramba.  
 c. Esse filme é muito legal, mas não é legal pra caramba.  
 d. #Esse filme é legal pra caramba, mas não é muito legal.

8 Cf. Kiparsky (1982). O princípio ‘evite sinonímia’ explica o mecanismo de bloqueio morfológico que evita que os falantes construam novas palavras quando o léxico da língua já dispõe de um termo que seja descritivamente idêntico ao que venha a ser criado. Assim, não se cria ‘dirigidor’ (aquele que dirige) porque no nosso léxico já temos os termos ‘motorista’ e ‘condutor’. Nos casos em que temos duas palavras construídas com sufixos similares, como *-dor* e *-nte*, que formam substantivos que designam agente a partir de verbos, o significado é especializado. *Falador* é aquele que fala demais, indiscreto, e *falante* designa ‘falante de uma língua’, ‘quem fala muito ou gosta muito de falar’.

9 Guimarães (2007) fala em ‘doublês de muito’; e Borba (2003, p. 69): “No registro coloquial, a intensificação que comumente se expressa pelos advérbios  *muito*,  *bastante* se faz por construções como *pra burro/chuchu/caramba/caralho*”.

Essa diferença entre *muito* e *pra caramba* pode ser formulada nos seguintes termos: a) *muito legal* pressupõe que os indivíduos a quem esse predicado se aplica são (pelo menos) legais; b) *legal pra caramba* pressupõe que os indivíduos a que esse predicado se aplica são muito legais. Assim, ambas as expressões denotam uma relação entre dois graus, o grau exibido pelo argumento do predicado e um grau padrão negociado contextualmente de ser legal. As diferenças veri-condicionais podem ser parafraseadas nos seguintes termos:

- (12) a.  $[[11a]] = 1$  se e somente se “o grau de legal do filme excede o grau padrão dos filmes legais no contexto”.  
Pressuposto: o filme é legal.
- b.  $[[11b]] = 1$  se e somente se “o grau de legal do filme excede significativamente o grau padrão dos filmes legais no contexto”.  
Pressuposto: o filme é muito legal.

Não vamos aprofundar aqui a discussão dessas diferenças, já que nosso propósito é refletir sobre a dimensão expressiva em particular.

Como várias locuções são formadas por palavras com conotação negativa (incluindo termos tabuísticos), acreditamos que estamos diante de expressões com provável conteúdo expressivo. Note que, como os falantes normalmente intuem, na locução *pra caralho*, o termo *caralho* deixa de ser uma interjeição de descontentamento, uso que temos em (13a), e passa a significar apenas algum tipo de envolvimento emocional do falante com o grau que o argumento exibe do predicado. Se a locução fosse ofensiva, (13b) deveria ser anômala. Ao contrário, o falante não está insatisfeito que o filme seja legal, mas está envolvido emocionalmente com o quão legal o filme é.

- (13) a. Caralho! Perdi a chave de casa!  
b. Esse filme é legal pra caralho!

Abaixo, na tabela 1, temos um levantamento das principais expressões que formam a locução *pra x* e a comparação entre o que poderíamos considerar a sua denotação e a sua conotação (ou sua carga expressiva), desconsiderando as versões atenuadas (eufemismos) de *pra caralho*, como *pacas*, *paca*, *pacarai*, *pra cacilda* etc. e *pra dedéu*, que têm origem obscura. É importante lembrar que *caramba* e *caraca* são eufemismos de *caralho*.

TABELA 1

Expressão	Denotação	Conotação
<i>Caralho/cacete</i>	Órgão sexual	Tabuísmo (sexual)
<i>Chuchu</i>	Vegetal	Coisa sem valor
<i>Cachorro/burro</i>	Animais	Ofensa
<i>Caramba/caraca</i>	Interjeição	Surpresa etc.
<i>Danar</i>	Condenar etc.	Tabuísmo (religioso)
<i>Diabo</i>	Satanás etc.	Tabuísmo (religioso)
<i>Porra</i>	Sêmen	Tabuísmo (secreção)

Fonte: Souza (2018), adaptado.

Em Basso e Souza (2021), sugerimos preliminarmente que o conteúdo expressivo desse tipo de locução intensificadora fosse parafraseado apenas como “envolvimento emocional do falante”. Note que essa paráfrase é um tanto vaga, já que, por definição, todo expressivo traz envolvimento emocional do falante. Alternativamente cogitamos que *pra caramba* expressava “surpresa ou contra-expectativa”, mas, como vemos abaixo, o falante pode negar sua surpresa.

(14) Esse livro é legal pra caramba, mas isso não me surpreende. Esse autor é ótimo.

Há um problema interessante na hora de testarmos o conteúdo expressivo dos modificadores mistos, justamente porque também trazem conteúdo veri-condicional: seu papel na estrutura não pode ser simplesmente descartado, pois, como modificador de intensificação, ele opera sobre a denotação de algum tipo de predicado (nomes, adjetivos, verbos e advérbios de modo). Vamos seguir alguns testes sugeridos pela literatura (GUTZMANN, 2013; POTTS, 2007; entre outros).

Um dos principais testes envolve analisar que tipo de conteúdo a negação proposicional afeta. Como ela só afeta o conteúdo imediato, esperamos que ela não negue a atitude do falante. Esse teste mostra a independência do conteúdo expressivo em relação ao conteúdo imediato ou descritivo. Vejamos os exemplos abaixo. Temos um exemplo de modificação adjetival em (15) e um de modificação nominal em (16). Não traremos mais contextos por supor que esse traço se manifesta nos outros usos da expressão.

(15) A: Esse livro é legal pra caramba!  
B: Não! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.

(16) A: Esse menino comeu docinho pra caramba.  
B: Não! Ele não comeu tanto assim.

O problema com esse teste é que esse tipo de intensificador também poderia ser interpretado como um predicado de gosto pessoal, portanto criando situações de desacordo sem culpa, isto é, situações em que nem A nem B estejam proferindo algo falso (cf. LASERSOHN, 2005). Então, o que B está negando? Como controlar isso? Uma solução seria trazer expresso que a avaliação qualitativa é feita da perspectiva do falante, como fazemos abaixo, em (17). Mas note que nesse caso a réplica de B fica estranha, pois agora a negação parece afetar a perspectiva do falante A. A anomalia surge se interpretarmos que B está negando que A tenha ficado emocionado com o quão legal o livro é. Se afastamos essa leitura, a negação pode atuar sobre a intensidade, como em (15), ou sobre a quantidade, como em (16), gerando situação de desacordo.

(17) A: Na minha opinião/pra mim, esse livro é legal pra caramba!  
B: #Não! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.  
B: #Não! Você está equivocado! Esse livro é legal, mas não é tão legal assim.

Note, como contraste, que em situações de equívocos factuais, isso não acontece:

- (18) A: O caminhão derrubou uma caixa de laranja.  
 B: Não! Você está errado! O caminhão derrubou uma caixa de pêssego.

Outro teste importante é o da não destacabilidade (*'non-displaceability'*). Assumindo que o estado emocional sempre se refere ao momento de fala, não podemos interpretá-lo como se se referisse a algum momento passado. Suponha que a festa foi semana passada e estou vendo o menino agora e o aponto para meu interlocutor. Embora o evento de comer uma grande quantidade de docinhos seja passado em relação ao momento de fala, o falante estar impressionado com isso é algo que se expressa no momento da enunciação.

- (19) Esse menino comeu docinho pra caramba na festa.

Em relação à dependência de perspectiva, o expressivo sempre está atrelado à perspectiva do falante. Como vimos no exemplo (15), a negação só afeta a parte descritiva, não expressiva, como (20) demonstra.

- (20) #Esse filme é legal pra caramba, mas eu não gostei dele tanto assim/ele não me impressionou tanto assim.

Em tese, o exemplo (21a) teria duas leituras: *pra caramba* pode estar atrelado à perspectiva do falante, nesse caso esse proferimento ficaria incoerente; na leitura em que *pra caramba* está atrelado à perspectiva do sujeito da oração principal, *pra caramba* faz parte do conteúdo que Renato disse e que está sendo reportado pelo falante, aí o proferimento perde a incoerência. Contudo, note que não vemos isso. Tal aspecto fica mais explícito tentando negar essas atitudes. (21b) não é incoerente porque a atitude de envolvimento emocional com o quão legal o livro é está atrelada ao sujeito, Renato. (21c) reforça esse aspecto. Comparando com um verbo de atitude proposicional, em (22), *pra caramba* só pode estar ligado à perspectiva do sujeito do verbo *acreditar*. Note que um adjetivo avaliativo sempre está atrelado ao falante, mesmo em contextos opacos, como temos com verbos de dizer ou de atitude proposicional. Como ilustrado em (23), a atitude negativa é do falante que enuncia a sentença e não do argumento agente do verbo *dizer*.

- (21) a. O Renato disse que esse livro é legal pra caramba.  
 b. O Renato disse que esse livro é legal pra caramba, mas eu acho médio/não fiquei animado com ele.  
 c. #O Renato disse que esse livro é legal pra caramba, mas ele não estava tão animado/empolgado.

- (22) O Renato acredita que esse filme é legal pra caramba, mas eu acho médio.

- (23) O Renato disse que essa droga de livro é legal pra caramba.

Já mencionamos acima que é um tanto difícil parafrasear o conteúdo das locuções. Potts (2007) defende que essa característica nos mostra que o conteúdo expressivo não é proposicional. Isso diferenciaria o conteúdo expressivo de conteúdos secundários como os veiculados por conjunções e o conteúdo das pressuposições. No começo da seção mencionamos que as locuções intensificadoras tendem a ser formadas por expressões com conotação negativa. Isso é uma tendência. As exceções, *pra dedéu* e *pacas*, por exemplo, nos soam menos intensas do que aquelas que contêm termos tabus, como *pra cacete*, *pra porra*, *pra caralho* etc. Intuitivamente, (24a) expressa mais envolvimento emocional do falante do que (24b), mas parece-nos difícil caracterizar essa diferença oferecendo uma paráfrase que especifique claramente qual é essa diferença.

- (24) a. Esse filme é legal pra caralho.  
b. Esse filme é legal pra dedéu/pacas.

Outra característica dos expressivos típicos, justamente por não serem proposicionais, é a de poderem ser repetidos sem que tenhamos a sensação de redundância. Surge, assim, a leitura de que o estado emocional é mais intenso, caso exemplificado em (25a). Com os expressivos mistos, contudo, temos sensação de redundância, justamente porque eles trazem também conteúdo descritivo e têm distribuição sintática bastante limitada – afinal formam um constituinte com o núcleo lexical que modificam (cf. (25b)). Mas note que com um intensificador típico, como *muito*, a repetição é possível, aí sim, expressando alto grau e também envolvimento emocional do falante, caso de (25c). Efeito similar é alcançado com o alongamento da vogal *u*, exemplo (25d).

- (25) a. Droga! Perdi a droga das chaves da droga do carro!

(PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2014)

- b. #Esse filme é legal pacas, pacas, pacas, pacas!  
c. Esse filme é muito, muito, muito, muito legal!  
d. Esse filme é muuuuuito legal!

Em resumo, percebemos que no caso dos expressivos mistos, o teste mais seguro parece ser a negação, que nos mostra que negar a atitude do falante produz anomalia semântica. Além disso, os intensificadores expressivos também apresentam infabilidade descritiva. Embora todos denotem algo como “significativamente mais”, no plano expressivo, provavelmente, expressam diferentes graus de envolvimento subjetivo, não sendo simples variantes coloquiais de *muito*. A tabela abaixo compila o resultado da aplicação dos testes.<sup>10</sup> Avaliamos que o teste da repetibilidade não se aplica propriamente pela sensação de redundância.

<sup>10</sup> Um dos pareceristas julga que alguns dos testes não funcionam adequadamente por terem sido idealizados para identificar implicaturas convencionais tradicionais, no sentido de Potts (2005, 2007), isto é, expressões que contribuem apenas no plano expressivo. Contudo, acreditamos que os testes mostram que as expressões em estudo apresentam duas características importantes dos expressivos: i) expressam envolvimento do

TABELA 2

Característica	Resultado
Independência	Sim
Não destacável	Sim
Dependente do falante	Sim
Inefabilidade descritiva	Sim
Imediatez	Sim
Repetibilidade	Não se aplica

Fonte: elaborada pelo autor.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas primeiras partes do artigo, apresentamos uma variedade de significados semânticos e localizamos a dimensão expressiva nesse conjunto. A abordagem multidimensional coloca questões interessantes para uma abordagem composicional, pois traz para a discussão expressões cujo papel vinha sendo deixado um tanto de lado. Nos últimos vinte anos novas frentes de pesquisa surgem e os limites entre semântica e pragmática se moveram. O que Grice havia chamado de implicatura convencional, cada vez mais, se revela um conteúdo que pode ser acomodado numa abordagem fregeana do significado — ou kaplaniana, como prefere Gutzmann (2015).

Apresentamos algumas características das locuções, em particular sua relação como outros modificadores, como *muito*. Mostramos que elas não são sinônimas deste intensificador e que além de denotarem algo como “significativamente mais” também carregam conteúdo expressivo. Fizemos ao longo do texto uma generalização: todas as expressões formadas com *pra x* apresentariam o mesmo conteúdo expressivo e a mesma contribuição para as condições de verdade. Considerando a hipótese de que as línguas não tendem a povoar o léxico com sinônimos, podemos nos perguntar se haveria alguma diferença expressiva entre um conjunto que reúne pelo menos os seguintes membros: *pra burro*, *pra cachorro*, *pra cacete*, *pra caralho*, *pra chuchu*, *pra dedéu*, *pra danar*, *pra porra* etc. Argumentamos em Souza (2018) que em comum todas trazem como complemento de *pra* um termo que é uma interjeição ou palavra com conotação negativa, excetuando-se *pra dedéu*, que tem origem obscura. Note-se que há um fenômeno curioso de perda de ofensividade em *pra cacete/caralho/porra*. A principal função dos termos tabus que compõem essas locuções, como interjeição, é expressar o sentimento de descontentamento do falante. Esse traço não se transfere quando são usados nas locuções intensificadoras. Mas as interjeições também são elementos essencialmente expressivos, que não trazem nenhum conteúdo semântico estrito. Dessa forma, podemos nos perguntar qual nuance expressiva se mantém nessa passagem de uma função a outra. Pelo que vimos, tudo indica que ao se

falante; ii) esse conteúdo é independente das condições de verdade.

gramaticalizarem como intensificadores, apenas o envolvimento emocional do falante continua convencionalizado na dimensão expressiva e não mais o componente de despreço. Aventamos que haveria uma diferença de grau de envolvimento emocional: com termos tabus esse envolvimento seria maior do que com termos sem esse caractere, como *pacas* e *pra dedéu*.

A análise das propriedades expressivas das expressões revelou que elas apresentam quase todas as propriedades propostas por Potts (2005, 2007), com exceção da repetibilidade, justamente por contribuírem com conteúdo descritivo. O teste da independência em relação ao conteúdo descritivo e o da dependência de perspectiva nos pareceram os que mostram de forma mais clara que estamos diante de um conteúdo expressivo.

## REFERÊNCIAS

BACH, Kent. The Myth of Conventional Implicature. *Linguistics and Philosophy*, v. 22, n. 4, p. 327–366, 1999. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25001747>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

BASSO, Renato Miguel; SOUZA, Luisandro Mendes de. Modificadores graduais coloquiais: o caso de ‘pra caralho’. *Estudos linguísticos* (no prelo).

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREGE, Gottlob. Logic. In: HERMES, H.; KAMBARTEL, F.; KAULBACH, F. (ed.). *Posthumous Writings: Gottlob Frege*. Trans. Peter Long and Roger White. Oxford: Blackwell, [1897]1979. p. 126-151.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: pragmática*. Campinas: Edição do Autor, 1982.

GUIMARÃES, M. *Dos Intensificadores como quantificadores*. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GUTZMANN, Daniel. Expressives and beyond. In: *Beyond Expressives. Explorations in Use-Conditional Meaning*. Leiden: Brill, 2013, p. 1-58.

GUTZMANN, Daniel. *Use-conditional meaning: studies in multidimensional semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GUTZMANN, Daniel. *The grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019. (Oxford studies in theoretical linguistics, 72).

HUDDLESTON, R. D.; PULLUM, G. K. *The Cambridge grammar of the English language*. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2002.

KAPLAN, David. *The meaning of ‘ouch’ and ‘oops’*: Explorations in the theory of meaning as use. (2004 version). Manuscrito. University of California, Los Angeles, 1999.

KRATZER, Angelika. Beyond ouch and oops: How descriptive and expressive meaning interact. In: *Cornell Conference on Theories of Context Dependency*. Ithaca, NY: Cornell University, 1999.

KIPARSKY, Paul. *Word Formation and the Lexicon*. Mid-America Linguistics Conference, 1982.

LASERSOHN, Peter. Context Dependence, Disagreement, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*, v. 28, n. 6, p. 643-686, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10988-005-0596-x>>. Acesso em: 2 out. 2020.

MCCREADY, Elin. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, v. 3, p. 8-57, 2010. Disponível em: <<https://semprag.org/index.php/sp/article/view/sp.3.8>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato Miguel. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POTTS, Christopher. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/view/journals/thli/33/2/article-p165.xml>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

POTTS, Christopher. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

RECANATI, François. Pragmatics and semantics. In: HORN, L.; WARD, G. (ed.). *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 442-462.

SOUZA, Luisandro Mendes de. A conotação negativa na gramaticalização de intensificadores. In: MORAIS, Eunice de; LEGROSKI, Marina; SALEH, Pascoalina; et al. (org.). *Linguagem, identidade e subjetividade: vertigem das ciências humanas*. Ponta Grossa, PR: Texto e Contexto, 2018. p. 158-169.

*Squib* convidado.

Recebido em 7 de março de 2022.

Aceito em 7 de dezembro de 2022.